



PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO PROEJA INDÍGENA

PRINCÍPIOS E ORIENTAÇÕES PARA
O ENSINO TECNOLÓGICO



Autores:

Silvia Carvalho Vieira
Davi Avelino Leal



FICHA TÉCNICA DO PRODUTO

Origem do Produto Educacional:

Dissertação “Pedagogia da Alternância e a atuação docente: Uma experiência com o Proeja Indígena no IFAM Campus Maués (2018 - 2023)”.

Autores:

Silvia Carvalho Vieira

<http://lattes.cnpq.br/1704037218465204>

<http://orcid.org/0000-0003-3291-0757>

Davi Avelino Leal

<http://lattes.cnpq.br/6645382114509617>

<http://orcid.org/0000-0003-3871-2057>

Área do Conhecimento: Ensino.

Produto Educacional: Pedagogia da Alternância no Proeja Indígena: Princípios e Orientações para o Ensino Tecnológico.

Objetivo do Produto Educacional: Auxiliar os professores da Educação Profissional e Tecnológica na modalidade EJA/PROEJA Indígena na aplicação da Pedagogia da Alternância em contexto de Educação Escolar Indígena, a fim de apoiá-los em suas práticas pedagógicas, tendo como referência a experiência do curso técnico

em agroecologia oferecido pelo IFAM Campus Maués aos indígenas Sateré-Mawé.

Público-alvo: Professores da Educação Profissional e Tecnológica na modalidade EJA/PROEJA Indígena.

Categoria deste Produto: Material digital com orientações para didática na sala de aula.

Organização do Produto: Este produto é composto de quatro unidades. Na primeira, a Pedagogia da Alternância. Na segunda unidade, constitui-se do cenário EJA/PROEJA na educação profissional e tecnológica. Na terceira temos a parte instrucional do guia destinada as orientações pedagógicas. A quarta unidade apresentamos a preparação da aula com vistas a sala de aula no contexto do EJA/PROEJA.

Registro do Produto: Biblioteca Paulo Sarmento do IFAM, Campus Manaus Centro.

Avaliação do Produto: O produto foi avaliado por um comitê Ad hoc de professores da educação profissional e tecnológica.

Disponibilidade: irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo

permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: por meio digital.

URL do produto: Repositório do IFAM (<http://repositorio.ifam.edu.br/>) e site do PPGET (<http://ppget.ifam.edu.br/dissertacoes-defendidas/>)

Idioma: Português

Cidade: Manaus

País: Brasil

Ano: 2023

Diagramação: Marcella Sarah (sarah.marcella@gmail.com)

Imagens: Silvia Carvalho Vieira, Coordenação de Curso Técnico em Agroecologia e Site do Instituto Federal do Amazonas.

Termo de Autorização de uso de Imagens: Aginaldo Guimarães de Almeida (Representante dos estudantes do curso de Agroecologia EJA PROEJA Indígena e membro da comunidade Ilha Michiles, Território Indígena Andirá Marau).

Pedagogia da Alternância no PROEJA
Indígena: Princípios e Orientações
para o Ensino Tecnológico está
licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0©
2 por Sílvia Carvalho Vieira



Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

V658p Vieira, Sílvia Carvalho.
Pedagogia da alternância no Proeja indígena: princípios e orientações para o
ensino tecnológico / Sílvia Carvalho Vieira, Davi Avelino Leal. – Manaus, 2023.
61 p. : il. color.

Produto Educacional proveniente da Dissertação - Pedagogia da alternância e a
atuação docente: uma experiência com o proeja indígena no IFAM campus Maués
(2018 - 2023). (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). – Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus Manaus Centro*,
2023.

ISBN 978-65-85652-28-5

1. Ensino tecnológico. 2 Pedagogia da Alternância. 3. Dimensão Formativa. 4.
EJA/PROEJA - Indígena. I. Leal, Davi Avelino. II. Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 371.33

Pedagogia da Alternância no Proeja Indígena:

Princípios e Orientações para o
Ensino Tecnológico

Silvia Carvalho Vieira
Davi Avelino Leal





RESUMO

Este produto educacional tem como objetivo principal colaborar no decorrer das etapas e processos do ensino e da aprendizagem na abordagem da educação profissional e tecnológica para jovens e adultos na modalidade PROEJA Indígena. O material apresenta orientações relacionadas à Pedagogia da Alternância, instrumentos pedagógicos, materiais de apoio e orientações pedagógicas no contexto do PROEJA Indígena, bem como auxilia na preparação das aulas para esse contexto. O guia conduz o uso dos recursos pedagógicos para fornecer suporte e orientação aos professores que trabalham com a educação profissional e tecnológica no Proeja Indígena, do mesmo modo que, aos demais que desejam aplicar a Pedagogia da Alternância no contexto da educação com povos tradicionais e suas especificidades.

Palavras-chave: EJA/PROEJA Indígena; Pedagogia da Alternância; Educação Profissional e Tecnológica.



ABSTRACT

This educational product aims to primarily contribute throughout the stages and processes of teaching and learning, focusing on the approach of professional and technological education for young and adult indigenous students in the EJA/PROEJA mode. The material provides guidance related to the Pedagogy of Alternation, pedagogical tools, support materials, and pedagogical guidelines in the context of PROEJA Indígena, as well as assists in the preparation of classes for this context. The guide directs the use of pedagogical resources to provide support and guidance to teachers working with professional and technological education in PROEJA Indígena, as well as to others who wish to apply the Pedagogy of Alternation in the context of education with traditional peoples and their specificities.

Keywords: EJA/PROEJA Indígena; Pedagogy of Alternation; Professional and Technological Education.

SU MÁRIO

Apresentação | 07

UNIDADE

01

Pedagogia da Alternância | 11

UNIDADE

02

EJA/ PROEJA Indígena na
Educação Profissional e
Tecnológica | 24

UNIDADE

03

Orientações Pedagógicas | 35

UNIDADE

04

Preparando as Aulas | 47

Considerações Finais | 58

Referências | 60



APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a),

Este produto é originado a partir da dissertação intitulada “Pedagogia da Alternância e atuação docente: Uma experiência com o PROEJA Indígena no IFAM campus Maués (2018-2023)”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. A construção do produto foi inspirada na atuação dos professores do Instituto Federal do Amazonas, Campus Maués, que desenvolveram suas atividades no território indígena Andirá-Marau com a etnia Sateré-Mawé.

As informações utilizadas neste guia são baseadas nas observações feitas durante a pesquisa de campo com os professores colaboradores da pesquisa. A base de dados foram: caderno de campo; registros fotográficos; questionário; entrevistas.



Esse material oferece orientações relacionadas à Pedagogia da Alternância, ferramentas pedagógicas, materiais de apoio e orientações pedagógicas no contexto do EJA/PROEJA Indígena. Além disso, auxilia na preparação de aulas para esse contexto.

A pesquisa em questão foi aprovada sob o Parecer: 5.461.913 do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas CEPESH-IFAM.

O guia é composto por quatro unidades.

A **Unidade 1** apresenta a Pedagogia da Alternância como proposta pedagógica, destacando as principais potencialidades desse método educacional e discorrendo sobre as ferramentas utilizadas na experiência do IFAM campus Maués.

Na **Unidade 2**, o cenário EJA/PROEJA

na educação profissional e tecnológica é apresentado. Além disso, o tempo escola e o tempo comunidade aplicados à educação profissional e tecnológica são mostrados, a partir do modelo de aplicação da experiência do IFAM campus Maués com a etnia Sateré-Mawé.

A **Unidade 3** apresenta as orientações pedagógicas do guia destinado ao ensino no contexto EJA/PROEJA Indígena, demonstrando as principais características da atuação docente neste cenário.

A **Unidade 4** expõe o processo de preparação da aula com vistas à utilização dos recursos pedagógicos para a sala de aula no contexto do EJA/PROEJA.

Como dito na língua Sateré-Mawé “*Waku sese*”

Waku Sese!

Tudo bem! (Muito Obrigado (a)!)

PROFESSOR(A),

Saudações! Damos-lhe as boas-vindas e convidamos você a conhecer brevemente a Unidade 1, onde apresentamos os fundamentos que sustentam a proposta da Pedagogia da Alternância na experiência do IFAM Maués com a etnia Sateré-Mawé. São eles:

- Pedagogia da Alternância;
- Organização da Pedagogia da Alternância;
- Os instrumentos da Pedagogia da Alternância no EJA/PROEJA Indígena.

Desejamos que, nesta etapa, você adquira conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância e suas características distintas. Nesse contexto, será primordial que faça uma reflexão sobre a importância desta pedagogia e que leve em consideração as suas particularidades.

Após sua reflexão, envie aqui sua resposta:

<https://forms.gle/yCDmM2T4tbEw5gUk7>



UNIDADE

01

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A Pedagogia da Alternância é uma organização educacional que tem como objetivo principal promover a formação integral de jovens e adultos que vivem em áreas rurais. Seu método consiste na alternância entre períodos de estudo na escola e períodos de vivência e trabalho no meio rural, permitindo assim que os alunos possam aplicar os conhecimentos adquiridos na escola em suas atividades cotidianas.

Segundo Melo (2017), a Pedagogia da Alternância é uma proposta educacional que estimula o desenvolvimento integral de povos e comunidades tradicionais. Neste sentido, baseia-se nos fundamentos do desenvolvimento tecnológico,

econômico e sociocultural das comunidades rurais, com foco em práticas sociais cooperativas e estratégias educativas para homens e mulheres amazônicos, a fim de possibilitar maior envolvimento com a floresta, a terra e a água como eixo do desenvolvimento e criação de projetos de vida.

Para Gimonet (2007), a Pedagogia da Alternância é assentada em três princípios fundamentais: a alternância entre a escola e a comunidade; a aprendizagem significativa; a educação contextualizada. Esses princípios se complementam, proporcionando uma formação completa e coerente com a realidade do meio rural.

Fonte: Registrado pela autora (2023)

A alternância entre a escola e a comunidade possibilita que os alunos possam aplicar os conhecimentos teóricos na prática, vivenciando de forma concreta as realidades do meio rural. A aprendizagem significativa, por sua vez, está relacionada à capacidade do aluno de construir seu próprio conhecimento, a partir de suas experiências e vivências. Já a educação contextualizada busca relacionar o conhecimento com a realidade local, levando em consideração as peculiaridades e particularidades do meio rural.

Seu sucesso é evidente, tendo em vista sua ampla adoção em diversos espaços da educação do campo, o que atesta sua eficácia na formação de indivíduos críticos e autônomos.

Em síntese, a Pedagogia da Alternância é uma organização pedagógica que busca promover a formação integral de jovens e adultos que vivem em áreas rurais, proporcionando que possam aplicar seus conhecimentos na prática e transformar a realidade ao seu redor.



Para saber mais sobre a Pedagogia da Alternância, conheça “O Livro de Lauzun: onde começou a pedagogia da alternância”, acesso ao link **AQUI**.

ORGANIZAÇÃO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A finalidade da Pedagogia da Alternância é assegurar o direito à educação das comunidades rurais, além de viabilizar condições propícias para que esses estudantes se tornem membros ativos e críticos de suas comunidades. Dessa forma, pode ocorrer uma redução na migração para áreas urbanas em busca de melhores oportunidades de vida.

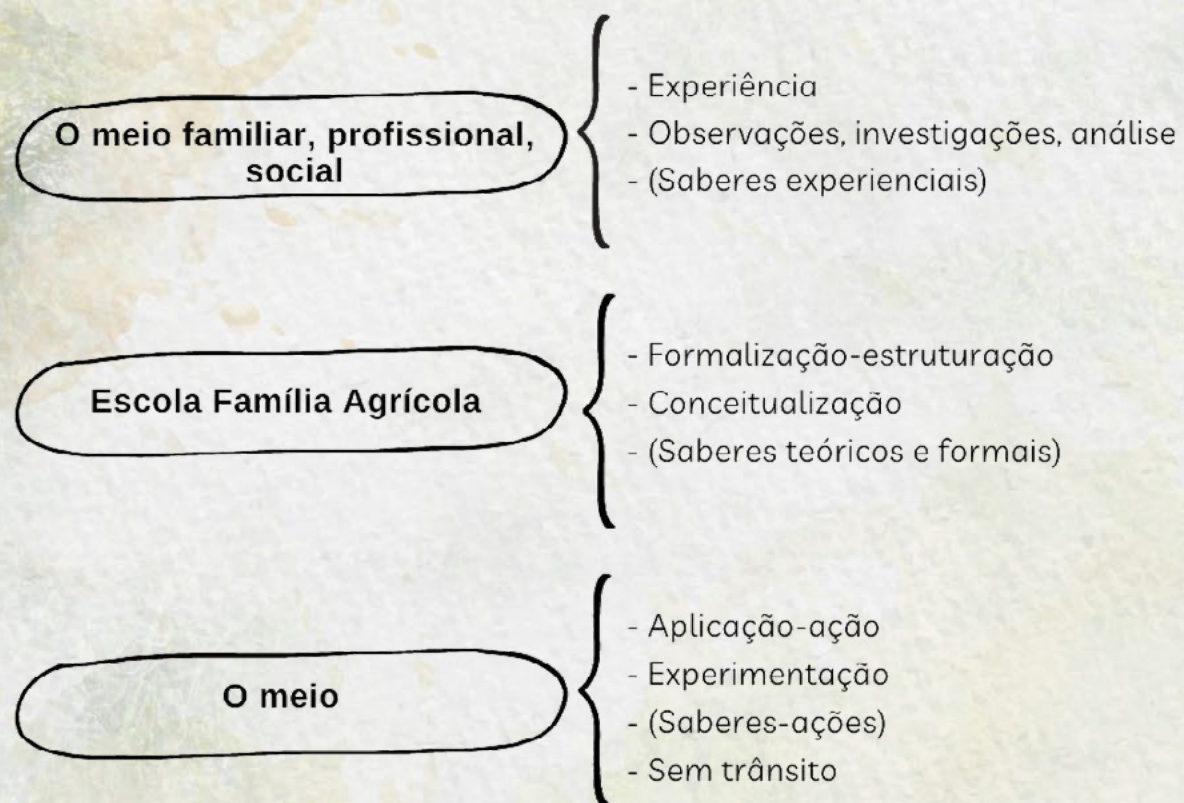
A Pedagogia da Alternância constitui-se em uma organização pedagógica que tem por objetivo estabelecer uma interação entre o aluno que reside em áreas rurais e a realidade que está vivenciando em seu cotidiano. Assim, promove uma troca constante

de conhecimentos entre o ambiente de vida, o trabalho do estudante e o ambiente escolar.

De acordo com Gimonet (2007), a Pedagogia da Alternância se configura como uma oportunidade de formação escolar e humana adequada às particularidades do meio rural. Em razão disso, pode ser concebida como um “sistema educativo” completo e não apenas como um método.

Ainda conforme Gimonet (2007), a formação em alternância exige organização, atividades e instrumentos pedagógicos específicos para articular os tempos e espaços, a fim de associar as dimensões profissionais e gerais.

Para tanto, o processo de alternância deve contemplar três tempos distintos, com ritmos definidos, em uma ação integrada entre o meio e a escola.



Para mais informações como funciona as organizações da Pedagogia da Alternância no Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES, acesse **AQUI**.

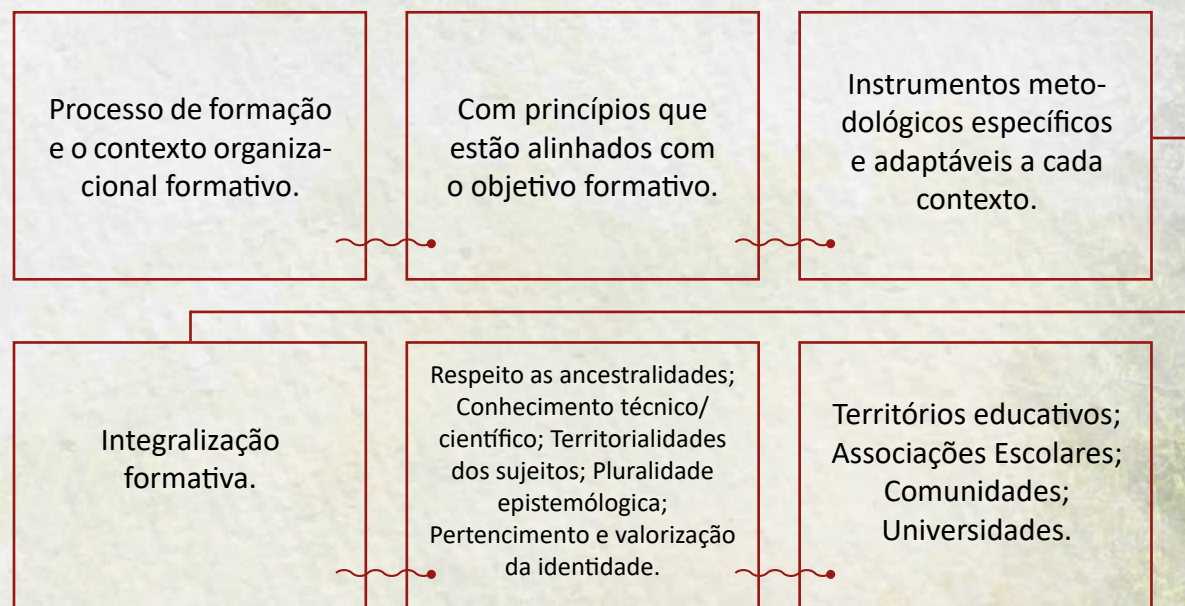
Fonte: Adaptado de Gimonet (2007, p. 30).

OS INSTRUMENTOS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO EJA/PROEJA INDÍGENA

A implementação da Pedagogia da Alternância é essencialmente dependente de instrumentos apropriados que garantirão a organização e articulação dos tempos e espaços necessários para associar os profissionais e gerenciar a formação em alternância. De acordo com Gimonet (2007), a alternância funciona como um sistema em que os diferentes componentes interagem.

Sem projetos ou rumos bem definidos, as técnicas e instrumentos pedagógicos podem ser percebidos como justaposições de atividades escolares significativas ou sem princípio vital. A eficácia educativa e formativa da alternância depende da supervisão existente entre todos os componentes da situação de formação, notadamente entre as finalidades, objetivos e meios do dispositivo pedagógico.

Para abordar a Pedagogia da Alternância no PROEJA Indígena, é crucial considerar a “Pedagogia da Alternância” como forma de organizar o processo educativo, mas essa forma de dispor tem um fundamento filosófico e epistemológico muito sólido. Além disso, a “Pedagogia da Alternância” carrega consigo ferramentas metodológicas e pedagógicas pensadas e refletidas especificamente para esse modo de organização que está sendo discutido.



Fonte: Adaptado de Saraiva (2022). (Disponível: <https://youtu.be/RLQcjAXSwe8>).

Os instrumentos pedagógicos aqui apresentados fazem parte dos princípios pedagógicos e conhecimentos necessários para a prática educativa definidos no PPC do Curso Técnico em Agroecologia Indígena. Essa experiência com a etnia Sateré-Mawé permitiu a adaptação de alguns instrumentos pedagógicos alternativos à realidade local, como se vê a seguir:

- PESQUISA PARTICIPATIVA
- PLANOS DE ESTUDO
- COLOCAÇÕES EM COMUM
- FICHAS PEDAGÓGICAS
- CADERNO DA REALIDADE DA ALTERNÂNCIA
- VISITA AS FAMÍLIAS
- VISITAS DE ESTUDOS
- NOITE CULTURAL

Pesquisa participativa

Conforme o Projeto Pedagógico de Curso - PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), a partir da definição das comunidades participantes do projeto que logo se transformaria em um Curso Técnico Médio, o Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé - CGTSM, em colaboração com o IFAM campus Maués. Conforme Medeiros *et al.* (2018), realizou-se uma pesquisa participativa que identificou as famílias dos alunos contemplados pelo curso. Esse método se justifica pelo fato de serem assinados os primeiros elos de responsabilidade pela aprendizagem do aluno.

Medeiros *et al.* (2018) afirmam que por meio de questionário, entrevista e oficina conduzida por parte da equipe pedagógica (O Tucumã de Ideias e Waraná de Soluções), se se

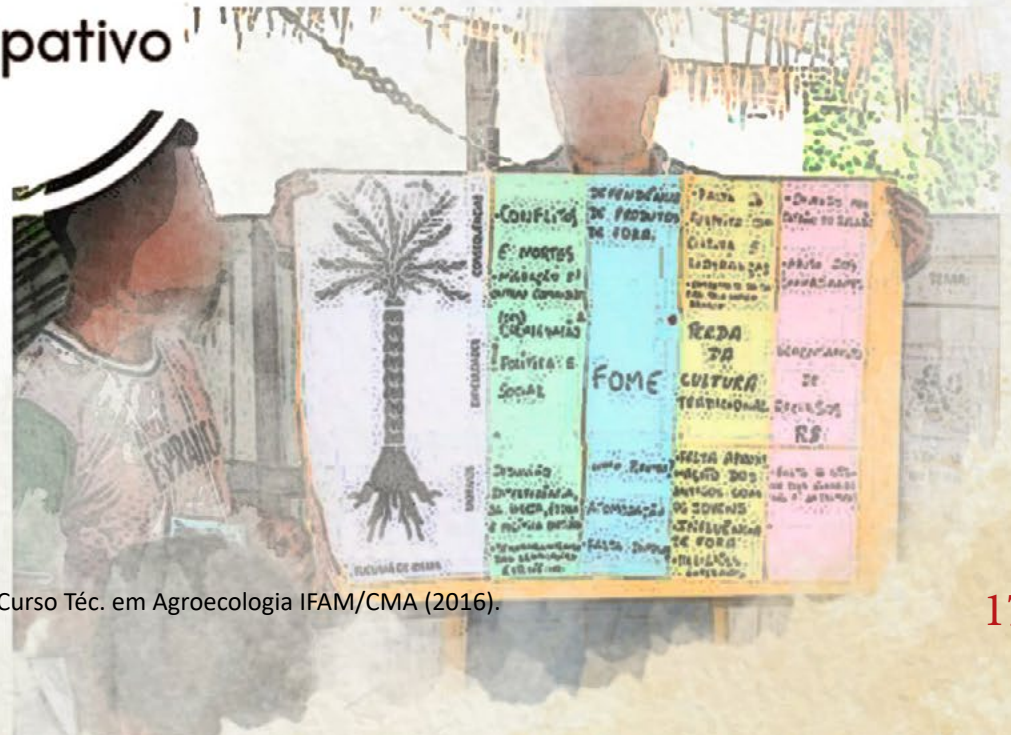
construiu o primeiro diagnóstico que contextualizou o aluno e a Terra Indígena - TI em que vive. Ainda Medeiros *et al.* (2018) ressaltam que, com isso, foi possível realizar a seguinte etapa: a realização do Curso de formação para as famílias participantes do Projeto Pedagógico de Curso, cujo objetivo foi explicar a metodologia utilizada na Pedagogia Alternância, na qual a família desempenha um papel importante no processo de aprendizagem.



Para mais informações sobre o diagnóstico participativo realizado na Terra Indígena acesse o link **AQUI.**



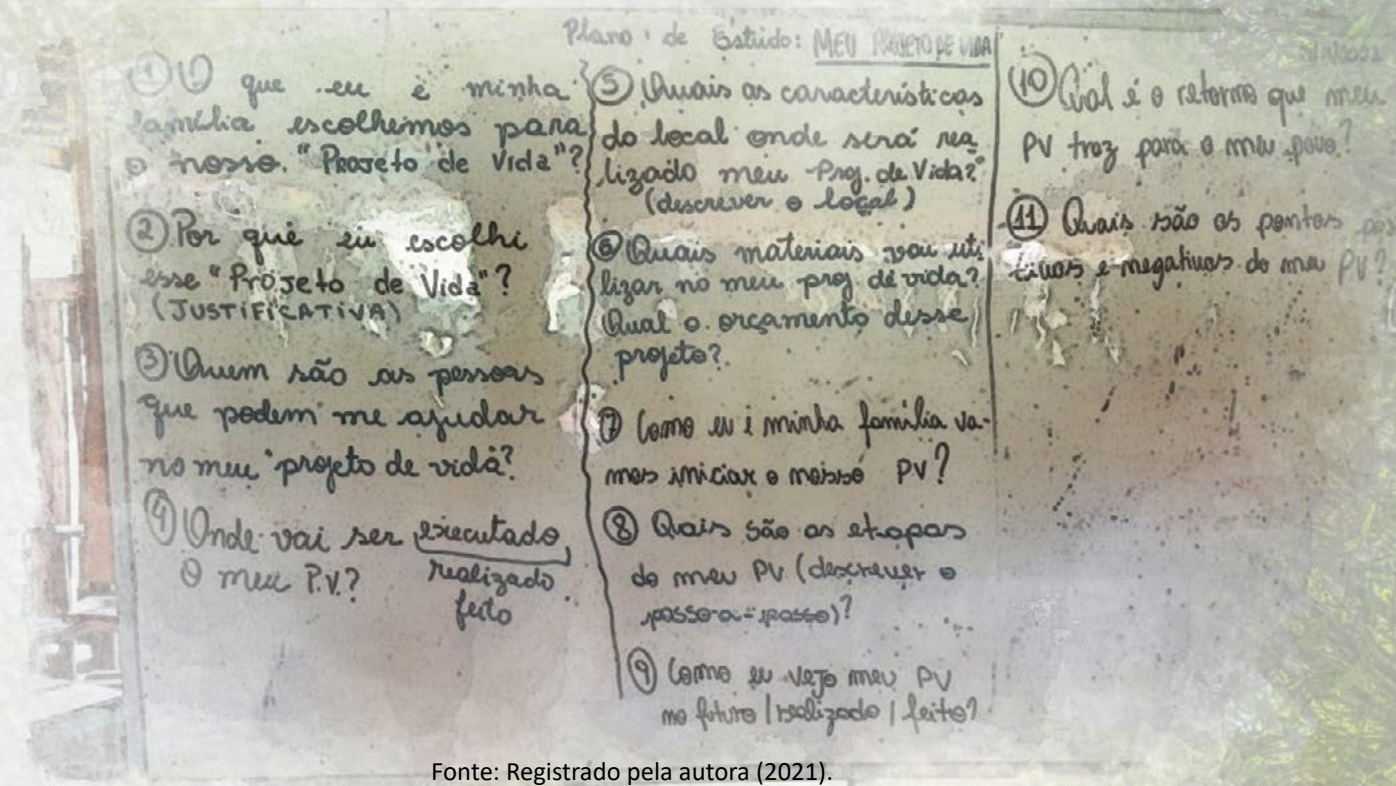
Diagnóstico Participativo



Fonte: Cedida por Coordenação do Curso Téc. em Agroecologia IFAM/CMA (2016).

Plano de Estudos

De acordo com o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), para cada alternância foi desenvolvido um plano de estudo, incluindo um rodízio de pesquisa sobre o tema gerador a ser estudado. Os estudantes formulam um tema gerador ao final de cada Tempo Escola, com mediação dos professores. Esse tema é a base para o plano de estudos, que é desenvolvido durante o Tempo Comunidade e debatido na Colocação em comum do Tempo Escola seguinte. Nesse sentido, esse instrumento permitiu que estudantes e comunidade realizassem diagnósticos de contextos reais. “Este instrumento terá como referência a pesquisa que originou o diagnóstico da comunidade e o componente curricular do curso, sobre contextos reais (aspectos econômicos, sociais, políticos, religiosos e culturais)” (IFAM, 2018, p. 20).



Fonte: Registrado pela autora (2021).

Colocações em comum

Segundo o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), as colocações em comum consistem na socialização, análise e debate sobre os dados coletados durante a pesquisa (plano de estudo), bem como na avaliação do processo

de pesquisa. Os resultados da pesquisa são registrados/sintetizados e os planos construídos pelos educadores para os momentos de estudo/formação/interdisciplinaridade. Na colocação em comum, os dados revelam uma compreensão dos alunos sobre a realidade estudada e devem ser considerados como elementos que

compõem o Quadro do Tema Gerador (componente curricular).

Desta forma, o componente curricular (disciplina) do período letivo aborda uma “situação-limite” que condiciona a existência do grupo em formação. Essa situação condicional é constituída de fatos da realidade pesquisada e da compreensão construída pelos alunos sobre a mesma. A maneira como veem a realidade afeta como é mantida ou alterada, bem como se posicionam e reagem a essa realidade (IFAM, 2018).

Fichas pedagógicas

Conforme o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), com o uso das Fichas Pedagógicas, os alunos desenvolveram o conteúdo de cada semana de alternância. Os professores elaboraram o material instrucional e de apoio técnico que auxilia os alunos em seu desenvolvimento e formação educativa. A ficha pedagógica explicita os conteúdos das disciplinas do núcleo

da educação básica (português, matemática, biologia, filosofia, língua estrangeira, história, geografia, entre outras). Segundo anotações do caderno de campo, o tempo escola ocorreu durante uma semana, de segunda a sexta-feira, totalizando cinco dias, entre intervalos aproximados de 30 dias de tempo comunidade.

Caderno da Realidade da Alternância

De acordo com o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), é o instrumento é muito importante para o aluno, uma vez que serve como um documento base, onde o estudante anota seus pensamentos, pesquisas e explicações adicionais. É a sistematização da reflexão e ação desencadeada pela veiculação do plano de estudo, em que são anotadas muitas das experiências educativas e organizadas as unidades de aprendizagem e produção.



Fonte: Registrado pela autora (2021)

Os professores orientaram a organização do caderno da alternância, o qual foi produzido durante o curso.

Visita às Famílias

De acordo com o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), é um momento de participação da comunidade e da família e orientação das atividades educativas. Os professores desenvolvem atividades práticas com os alunos e famílias, cujos temas possuem foco profissional e/ou ajudam os alunos a desenvolverem seus conhecimentos e encontrarem soluções. Simultaneamente, é um momento para avaliar possíveis ajustes na metodologia que está sendo usada.

O momento de visita às famílias é definido na elaboração do Plano de Formação, procurando ser realizado em intervalos regulares, a cada três alternâncias nas Unidades de Estudo, ou conforme as demandas (IFAM, 2018).



Fonte: Registrado pela autora (2021).

Visitas de Estudos

Segundo o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), é uma ferramenta educacional que equilibra o calendário de atividades com visitas planejadas a diversas instituições. A observação, estimulação, confronto e comparação com experiências pessoais e comunitárias relacionadas aos momentos produtivos locais da região, podendo determinar se tais experiências já eram comuns na área ou não.

Conforme as observações registradas no caderno de campo, os componentes pedagógicos que compõem esta experiência na Pedagogia da Alternância orientaram e apoiaram a formação do aluno técnico em agroecologia. Conforme o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), ao longo dos semestres, desenvolver o Projeto de Vida de Intervenção em seu próprio ambiente, sem ser um projeto fictício

ou formativo, mas integrado, interativo e potencializador do desenvolvimento local.

Noite Cultural

As alternâncias do tempo escola são finalizadas com a noite cultural, evento organizado pelos alunos, os quais limpam e ornamentam o ambiente que fica em frente à escola municipal da comunidade. De acordo com as anotações registradas no caderno de campo, as atividades iniciam com uma paródia apresentada pelos alunos do curso de agroecologia, logo após uma dramatização do caçador e o juma feita pela turma de Ensino Fundamental I da escola municipal, sob responsabilidade do professor de Educação Fundamental, seguindo com desafios de versos com os alunos de agroecologia e, por fim, a dança “dança do mãe-mãe do gavião” da turma das crianças do ensino infantil com a professora de educação infantil (Caderno de campo da pesquisa).

Esta noite cultural envolve toda a comunidade e visa fortalecer a cultura Sateré-Mawé. Para saber mais sobre a Pedagogia da Alternância e outras experiências, você pode consultar no link abaixo:



III Encontro do Núcleo de Formação Continuada do IFAM. Tema: “Pedagogia da Alternância e o diálogo com a EPTNM: possibilidades e desafios”. A referida temática será abordada pela Profa. Dra. Darlane Saraiva, do Instituto Federal do Amazonas - IFAM Campus Manaus Centro - CMC, com mediação do Prof. Me Paulo Nascimento, do IFAM Campus Iranduba. Essa ação integra o PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA PROEN/IFAM.

Link **AQUI**.



Fonte: Registrado pela autora (2021).

PROFESSOR(A),

EJA/PROEJA INDÍGENA: o que sabemos hoje?

Nesta Unidade, você verá o cenário da modalidade EJA/PROEJA na educação profissional e tecnológica, destacando a integração do tempo escola e do tempo comunidade aplicados especificamente à educação profissional e tecnológica para jovens e adultos indígenas da etnia Sateré-Mawé.

Na unidade EJA/PROEJA Indígena na Educação Profissional e Tecnológica, estão disponíveis os seguintes tópicos:

- Pedagogia da Alternância com a Educação Escolar Indígena, abrangendo suas possibilidades e desafios;
- A disciplina Mito, Arte e Cultura Sateré-Mawé;
- Tempo Escola e Tempo Comunidade na Pedagogia da Alternância: Organização das aulas para Educação Escolar Indígena;

- Projeto de vida na Pedagogia da Alternância.

Com objetivo convidá-lo(a) a realizar uma reflexão acerca da modalidade EJA/PROEJA Indígena no atual contexto. É essencial recordar que a escola estabelecida nas comunidades indígenas desempenha uma função política significativa, ao atuar como um espaço propício para o diálogo intercultural entre o povo indígena e a sociedade em geral.

Após sua reflexão, envie aqui sua resposta:

<https://forms.gle/hgDW7DP55re6PeA6>



EJA/PROEJA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

O tema abordado refere-se à intersecção da **Pedagogia da Alternância com a Educação Escolar Indígena, abrangendo suas possibilidades e desafios**

A temática em questão se apresenta como resultado da articulação do Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Essa integração foi estabelecida por meio do Decreto de nº 5.840, de 13 de julho de 2006, cujo objetivo principal centraliza-

se em oferecer cursos de Educação de Jovens e Adultos com Educação Profissional para o público que não cursou o Ensino Fundamental e/ou o Ensino Médio na idade regular e, além disso, busca uma profissionalização.

No cenário da Educação de Jovens e Adultos, a prática pedagógica em território indígena precisa ser uma ação que alcance o ensino aprendizagem para além da sala de aula. Dessa forma, a Pedagogia da Alternância considera a diversidade epistemológica, questões de identidade, saberes e territórios educativos.

A Pedagogia da Alternância vem romper com o modelo tradicional

de ensino para educação do campo, ou seja, a ideia de que o aluno do campo é um ser que está em esfera inferior do conhecimento. Desde suas primeiras experiências na França, a Pedagogia da Alternância orienta conforme a concepção que estimula ações que visam formação integral do aluno por meio do diálogo com colegas, professores e interação com o meio, considerando a reflexão sobre a própria história, o papel na sociedade e envolvimento na comunidade em que vive.

Portanto, a Pedagogia da Alternância na educação do PROEJA Indígena apresenta essa mudança, não busca apenas a formação técnica do aluno, pois mesmo que a demanda do curso de agroecologia seja em educação profissional e tecnológica, essa formação considera os contextos sociais, políticos e culturais, bem

como os conhecimentos ancestrais e empíricos, ou seja, conhecimentos prévios em diálogo como conhecimento técnico-científico.

Em relação ao território do sujeito e para uma etnia indígena por exemplo, o seu território, a demarcação da terra e a proteção da floresta remete ao sentimento de pertença daquele lugar, assim, a territorialidade dos indivíduos é fortalecida também nesse processo. Quando integraliza a PROEJA Indígena e a Pedagogia da Alternância, admite integrar essas territorialidades ao ambiente escolar com peculiaridades para o diálogo do ensino e aprendizagem.

Do exposto, questiona-se como trabalhar esse diálogo em sala de aula. Haja vista que a Pedagogia da Alternância possui ferramentas e técnicas específicas, a experiência do curso Técnico em Agroecologia com o

povo da etnia Sateré-Mawé partiu de uma prática com forma de organização educativa e instrumentos próprios, que foram adaptados para a realidade da comunidade da região do baixo Marau no Amazonas. Porém, há a necessidade de compreensão da educação escolar indígena e seus parâmetros legais de funcionamento.

A escola nas comunidades indígenas serve como um espaço político de diálogo intercultural entre o povo e a sociedade em geral. Por isso, a educação deve se dedicar à realidade dessas comunidades em uma integração contínua para que os povos indígenas, por vezes invisibilizados, desenvolvam e apresentem seu projeto e proposta educacional na esperança de construir políticas públicas perceptíveis para todas as comunidades tradicionais brasileiras. A Política Nacional de Educação Indígena na Educação

Básica, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2012, estabelece elementos essenciais para a organização, estrutura e funcionamento das escolas indígenas.

I - a centralidade do território para o bem viver dos povos indígenas e para seus processos formativos e, portanto, a localização das escolas em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos Estados ou Municípios contíguos;

II - a importância das línguas indígenas e dos registros linguísticos específicos do português para o ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades indígenas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística de cada povo;

III - a organização escolar própria, nos termos detalhados nesta Resolução;

IV - a exclusividade do atendimento a comunidades indígenas por parte de professores indígenas oriundos da respectiva comunidade (Brasil, 2012, p.3).

Nesse sentido, é importante valorizar a noção de território considerando os documentos fundamentais e norteadores da escola indígena. A reflexão quanto às questões sociais que perpassam pelo conceito de território está diretamente ligada à criação e manutenção da identidade cultural, historicamente ao processo de formação dos povos étnicos. Como resultado, a ideia de centralidade territorial, bem como a proteção dessas escolas específicas dentro desse espaço particular servem como um critério crucial para reivindicar a efetividade dessa etnia e afirmação ancestral.

Um fator importante a ser examinado é

a avaliação de qualquer procedimento que envolva o uso de simbologia e significados dessas comunidades tradicionais para efetivar o processo de comunicação. Nesse cenário, a língua materna deve tornar-se componente fundamental para o processo educativo no território, portanto, respeitar e buscar preservar a língua significa garantir a soberania étnica, sem deixar de garantir o acesso à língua oficial do país, reforçando marco de integração e desenvolvimento socioeconômico desse povo em seu território e sua autonomia.

O currículo necessita ser pensado especificamente para escolas indígenas com o objetivo primordial de promover o ambiente escolar em um espaço de ascensão e o fortalecimento das identidades étnicas e autonomia. Conforme definido pelos seguintes documentos: Parecer

CNE/CEB nº 39/2004; Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica; Parecer CNE/CEB nº 7, de 7/04/2010; Resolução CNE/CEB nº 4, de 13/07/2010; Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; Parecer CNE/CEB nº 5, de 05/05/2011; Resolução CNE/CEB nº 2, de 30/01/2012; Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional Técnica de Nível Médio; Parecer CNE/CEB nº 11, de 9/05/2012; Resolução nº 6, de 20/09/2012.

Com base na Matriz Curricular do curso desenvolvida pelo Projeto Pedagógico do IFAM Maués (2018), constata-se a proposta de formação com componente curricular que privilegia o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais, bem como questões educativas e étnicas. A formação básica com carga horária de 1.200 h e abrangendo áreas do

conhecimento: Linguagens Matemática; Ciências da Natureza; Ciências Humanas; Núcleo Politécnico com 220 h e o Núcleo Tecnológico com 1.200 h.

Essas áreas do ensino são conectadas por parte diversificada que engloba a flexibilidade curricular. Além de considerar elementos comuns do currículo, também englobam componentes exclusivos dessa modalidade de ensino, a saber:

- Mito, Arte e Cultura Sateré-Mawé;
- Língua Sateré-Mawé;
- Saberes Tradicionais, Saúde e Segurança Alimentar.

Saberes Tradicionais, Saúde e Segurança Alimentar.

Quadro 1) Matriz Curricular do curso Tec. em Agroecologia.

NÚCLEO BÁSICO COM 1.200H		CARGA HORÁRIA
Linguagens	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	300
	Mito, Arte e Cultura Sateré-Mawé	80
	Educação Física	40
	Língua Estrangeira Moderna – Inglês	40
Matemática	Matemática	300
Ciências da Natureza	Biologia	80
	Física	60
	Química	60
Ciências Humanas	História	60
	Geografia	60
	Filosofia	60
	Sociologia	60
Núcleo Politécnico 220 h		
	Língua Sateré-Mawé	120
	Metodologia de Projetos em Agroecologia	20
	Informática Básica	40
	Higiene, Saúde e Segurança Aplicada à Agroecologia	40

Fonte: IFAM (2018, p. 31)

Núcleo Tecnológico 1.200h	
Saberes Tradicionais, Saúde e Segurança Alimentar	40
Certificação e Comercialização de Produtos Orgânicos	60
Conservação dos recursos hídricos	40
Desenvolvimento Sustentável e Extensão Rural na Amazônia	40
Origem e Saúde do Solo	40
Fertilidade do Solo e Nutrição de plantas	60
Permacultura	40
Turismo indígena de base comunitária	40
Sistemas Agroecológicos de Produção Vegetal	200
Sistemas Agroecológicos de Produção Animal	200
Princípios de Agroecologia	80
Beneficiamento de Produtos Agroecológicos	80
Sistemas Agroflorestais e Agroextrativistas	80
Organização e Gestão de empreendimentos Agroecológicos	40
Construção e Instalações Rurais Sustentáveis	60
Manejo de Recursos Pesqueiros	60
Recuperação e Conservação de Recursos Naturais	40
Atividades Complementares + Estágio Profissional Supervisionado ou PCCT	350

Fonte: IFAM (2018, p. 31)



Vamos conhecer a Resolução Nº 5, de 26 de junho de 2012, e os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação link **AQUI.**

A disciplina Mito, Arte e Cultura Sateré-Mawé

Este componente deve ser ministrado preferencialmente por um professor da área de Ciências Humanas, o desenvolvimento das competências deve estar em consonância com o objeto de conhecimento e bem articulado com o procedimento metodológico na perspectiva de fortalecer o desenvolvimento de suas concepções ancestrais, artísticas e culturais.

Tempo Escola e Tempo Comunidade na Pedagogia da Alternância: Organização das aulas para Educação Escolar Indígena

A Pedagogia da Alternância possui uma ação didática metodológica de tempos, espaços e saberes que pode oferecer mais oportunidades de atendimento educacional a inúmeras comunidades, principalmente aquelas localizadas no campo, nas matas, cerrados, florestas, várzeas, ao longo de rios, lagos e outras áreas. Em muitas dessas áreas geográficas, a organização das atividades educativas deve respeitar os ciclos sazonais produtivos e climáticos como as secas, verão, enchentes, inverno de cada ambiente. Segundo o documento de Proposta

de Regulamentação da Pedagogia da Alternância:

Parágrafo único. O Tempo Escola e o Tempo Comunidade deverão cumprir o movimento Estudo-Vivência-Trabalho e Trabalho-Vivência Estudo e caberá ao educador/a realizar esse movimento mediante o planejamento e implementação das mediações pedagógicas da Pedagogia da Alternância.
(Brasil, 2020, p.35)

É imprescindível promover ações no espaço/tempo comunitário que tenha origem na perspectiva da pedagogia

integral e do envolvimento ativo do aluno na comunidade. Isso só é possível se o espaço e o tempo da escola forem organizados consoante a metodologia que representa, de modo que alguns caminhos demonstram-se fecundos para que uma prática inovadora se efetive segundo a Pedagogia da Alternância: conhecer os alunos e seus objetivos; conhecer as comunidades em suas perspectivas e seus desafios; envolver os estudantes na metodologia a partir de informação e reflexo.

Tempo Escola e Tempo Comunidade

A Pedagogia da Alternância valoriza a questão da formação técnica, contudo, possui como base a raiz dos conhecimentos prévios desses sujeitos que a compõem. Além disso,

caracteriza-se por alternar a formação do aluno entre escola e comunidade.

Essa alternância entre escola e comunidade precisa ser esclarecida, pois pode ser confundida com uma simples alternância, não é uma oferta em tempos alternados. Visto que possui instrumentos e técnicas específicas, suas estratégias são pensadas para uma formação integral, esse tempo escola e comunidade, é caracterizado justamente por esses momentos onde o aluno estará no ambiente escolar, ambiente familiar e comunitário, posto que todos farão parte do processo de ensino e aprendizagem do estudante.

O foco da Pedagogia da Alternância está nos processos de ensino e aprendizagem desse aluno, portanto, considera o conhecimento prévio que provém do ambiente escolar, familiar e

comunitário. Podemos dizer que essa formação está em um ciclo, passando de um ambiente educacional para um ambiente comunitário e vice-versa.



Fonte: Registrada pela autora (2021).

Assim, o tempo comunidade é análogo ao tempo escola, reflete sobre os temas e aplica o que ali foi aprendido no tempo comunidade. Não há fase melhor que a outra, a aprendizagem é significativa usando os dois momentos, pois são equivalentes em um diálogo.

Quando há uma troca de conhecimentos na Pedagogia da Alternância, esse processo é estabelecido pela sequência de conhecimentos não restritos ao momento de sala de aula. A discussão levantada no ambiente escolar vai além disso, é levada para a comunidade, família e outros grupos sociais durante o tempo comunidade.

Projeto de vida na pedagogia da alternância

Projeto de Vida é o eixo norteador de todas as propostas curriculares a serem desenvolvidas na escola. Segundo o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), o Projeto de Vida é uma espécie de “Planejamento para a vida que envolve a família ou a comunidade”. É uma tarefa para a vida inteira, certamente a mais sofisticada e elaborada narrativa de si, que se inicia na escola.

O Projeto de Vida é resultado das atividades realizadas do Tempo-Comunidade desenvolvidas e supervisionadas sob a gestão pedagógica da escola. O aluno indica a temática que irá desenvolver com sua família, onde pesquisa e prática estão associadas ao desenvolvimento do projeto (Saraiva, 2022, p.152).

Nessa proposta, os jovens e adultos passam a ser os verdadeiros protagonistas de sua história, precisam desenvolver determinadas capacidades e estabelecer diálogos entre indivíduos, grupos sociais, saberes e culturas distintas como elementos essenciais para a aceitação da alteridade. Uma das primeiras indagações que estes se fazem em busca de seu autoconhecimento são: Quem sou eu?; Como vivo com o outro?; Como me relaciono com o ambiente natural e físico, situando-me no mundo globalizado?; O que almejo da vida?; Como me relaciono com o mundo do trabalho?.

No Curso de Agroecologia do IFAM Maués na Terra Indígena Andirá Marau as Temáticas dos Projetos de Vida dos estudantes foram as seguintes:

- Manejo de quelônios na comunidade indígena Ilha Michiles
- Plantio de hortaliças: horta agroecológica coletiva;



INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA DO BAIXO MARANHÃO, P. ANDRÉ, MARANHÃO

Essencialização e manejo participativo de wawori na comunidade Ilha Michiles, Terra Indígena Andaraí-Marau

Autores: Elaine Aparecida dos Santos e Adriano de Souza Mendes de Almeida
Orientador: Adriano Mendes de Almeida

INTRODUÇÃO

RESULTADOS

Fonte: Registrada pela autora (2023).

- Ração alternativa Sateré Mawé;
- Merenda escolar regionalizada;
- Quintal Agroecológico;
- Entomofagia: o uso de insetos na alimentação Sateré Mawé;
- Plantas medicinais;
- Sistema Agroecológico de Produção de Galinha Caipira;
- História do Povo Sateré-Mawé a partir do Porantin;
- Plantas Frutíferas no quintal agroflorestal usando sementes ancestrais;
- Meliponicultura;
- Composto Orgânico;
- A roça tradicional Sateré-Mawé (mandioca);
- Artesanato Sateré-Mawé: grafismos e teçumes;
- Construção de tanque gaiola para a criação de peixes;
- Criação de galinha caipira.

Nessa experiência quanto aos Projetos de Vida, alguns deles

iniciaram nas primeiras disciplinas ministradas no curso e percorrem seu desenvolvimento até a conclusão. Vale ressaltar que o projeto “Merenda Escolar Regionalizada” foi um dos trabalhos que apresentou grande destaque e repercussão durante o curso, por meio dessa iniciativa os alunos se mobilizaram e trouxeram a alimentação escolar regionalizada para as escolas da região do baixo Marau.

Nesse sentido, devemos observar que esses projetos correspondem direta ou indiretamente ao diagnóstico participativo como uma forma de resposta, ou melhor, uma resolução prática para o que foi levantado antes mesmo do curso iniciar. Com isso, observa-se reais benefícios que o curso alcançou para além do ensino e aprendizagem. Essa é uma abordagem para a educação indígena Sateré-Mawé em curso profissionalizante, vista como direito e conquista da comunidade indígena.



Proposta de Regulamentação da Pedagogia da Alternância link [AQUI](#).



IV Encontro Nacional de EJA EPT – Mesa temática: Tema Proeja Indígena “Fazer a EJA EPT em Terras Indígenas: O fazer no Campus Maués”. Link [AQUI](#).

PROFESSOR(A),

Na unidade anterior, abordamos sobre a modalidade EJA/ PROEJA Indígena na Educação Profissional e Tecnológica.

Agora, avançaremos mais um passo nessa jornada educacional. Nesta Unidade, exploraremos as possibilidades de aplicação da Pedagogia da Alternância, as condições em que a aprendizagem dos alunos ocorre e os fatores que podem favorecê-la no ambiente escolar não formal. Para tanto, utilizando como inspiração a experiência aplicada pelos docentes do IFAM campus Maués.

Na unidade de Orientações Pedagógicas você encontrará os seguintes tópicos:

- Cenário de atuação do Professor no EJA/PROEJA Indígena;
- Preparação do ambiente;
- Orientações Pedagógicas;
- Costumes da comunidade indígena

Sateré-Mawé na T.I Andirá-Marau;

- A sala de aula na EJA/PROEJA Indígena;
- Características da turma EJA/PROEJA Indígena.

Professor (a) durante a leitura desse material, solicitamos que você reflita sobre até que ponto essas orientações pedagógicas dentro dessa perspectiva EJA/PROEJA Indígena se diferenciam das outras práticas.

Após sua reflexão, envie aqui sua resposta:

<https://forms.gle/Hc55QqoKDrtCd1eg7>



UNIDADE 03

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Nesta unidade, vamos conhecer as orientações para utilização de alguns recursos pedagógicos que a Pedagogia da Alternância possibilita para a sala de aula em espaços não formais. Essas atividades estão no formato de alternância em tempo escola no modelo da experiência do curso técnico em agroecologia oferecido pelo IFAM Campus Maués aos indígenas Sateré-Mawé.

Por meio da Pedagogia da Alternância, é possível formar um indivíduo protagonista e ativo em sua busca por conhecimento. Tal abordagem enfatiza o desenvolvimento constante das potencialidades humanas em todas as suas dimensões, visando alcançar um estudante socialmente conectado, com uma filosofia educacional que busca o desenvolvimento das famílias e comunidades em que vive. O sujeito é o centro do processo de aprendizagem considerando seus conhecimentos prévios.

Fonte: Cedida por Sigliane Michiles (2022).

Professor para atuação neste cenário do EJA/PROEJA Indígena

Orienta-se que procure conhecer a etnia, sua cultura e a relação com o ambiente. O professor que atua ou atuará na modalidade de Educação Escolar Indígena deve estabelecer como princípio norteador do seu trabalho a consolidação e a valorização das distintas identidades indígenas, assim como o sentimento de pertencimento étnico dos povos a que servem, das práticas culturais e das línguas faladas nas comunidades.

É primordial que o professor desenvolva habilidades respaldadas em conhecimentos, valores, capacidades e atitudes próprias do meio cultural em que

está inserido, com o intuito de fornecer acesso a outros conhecimentos e informações técnico-científicas específicas ao nível de ensino, ancorando-se nos saberes e práticas indígenas. Além disso, é necessário que adote e pratique a interculturalidade e o bilinguismo ao elaborar, desenvolver e avaliar currículos e programas próprios para seus alunos.

Preparação do ambiente

Professor, seu ambiente de trabalho será uma comunidade indígena. As comunidades indígenas apresentam uma relação distinta com a terra, a natureza e a organização social, visto que tais espaços transcendem sua dimensão geográfica e assumem uma dimensão cultural. No tempo

comunidade você conviverá com esse ambiente de contato direto com a natureza e cultura indígena.

Para Brelaz e Michelotti (2021), na experiência do IFAM Maués, a comunidade polo (escola na Terra Indígena) possui alojamento para sua estadia, seus horários de trabalho serão integrais, mas como seu ofício deve ser em conjunto com os demais professores que formam a equipe docente, esteja preparado para replanejar ou adequar as aulas conforme as demandas aparecerem. Vale ressaltar que a aula neste formato é interdisciplinar, esteja disposto para interagir com seus pares no mesmo espaço.

Nesse horizonte, deve-se considerar o Projeto Pedagógico de Curso com

vistas aos objetivos principais. Caro professor, é recomendado adquirir prévio conhecimento acerca da etnia com a qual irá trabalhar. No que se refere aos Sateré-Mawé, Oliveira (2016) destaca que residem na Terra Indígena Andirá-Marau, situada na região do médio Rio Amazonas, na fronteira entre os estados do Amazonas e do Pará.

Com base em relatos de antigos moradores e viajantes da época, os Mawé possuíam uma vasta área territorial que se estendia desde os Rios Tapajós e Madeira, delimitada ao norte pelas Ilhas Tupinambaranas no Rio Amazonas, e ao sul pelas cabeceiras do Rio Tapajós. Atualmente, esse povo ocupa apenas um terço das suas terras originais.

Embora tenham sido regionalmente conhecidos como Mawés, se autodenominam Sateré-Mawé. Oliveira (2016) afirma que, o primeiro nome, Sateré, deriva de um dos clãs mais poderosos, que originou a linhagem dos Tu'isas (Tuxauas) e representa “lagarta de fogo”. O segundo nome não se refere a nenhum clã em particular e significa “papagaio curioso ou inteligente”. O guaraná é parte fundamental da cultura dos Sateré-Mawé e está presente em diferentes aspectos da vida desse “povo feliz”, como nos aspectos sociais, biológicos, mitológicos, espirituais e medicinais.

Neste cenário, pode-se ressaltar várias possibilidades com o intuito de atuação em diferentes ambientes para o ensino e aprendizagem ser aplicado: Sala de Aula no Espaço da Maloca; Aula

no Espaço da Casa de Farinha; Aula de meliponicultura no quintal de uma família da comunidade. O professor precisa estar atento às possibilidades adiante dessa modalidade.



Para conhecer sobre a etnia Sateré Mawé, acesso ao link **AQUI**.



Link **AQUI**.

Orientações Pedagógicas

As orientações são baseadas na experiência realizada na aldeia Ilha Michiles na conjuntura do PROEJA para os indígenas Sateré-Mawé. Portanto, essas diretrizes são direcionamentos para articular os princípios da educação integral, da sustentabilidade socioambiental e do respeito à diversidade dos alunos, levando em consideração as estruturas organizacionais das sociedades indígenas e suas diferenças sociais, políticas, econômicas e culturais.

Planejamento: Os professores devem assumir o papel de facilitadores no processo de aprendizagem, planejando e realizando suas práticas pedagógicas, trabalhando sempre em colaboração com os alunos e apoiando-os no processo de avaliação contínua. Com isso, torna-se

indispensável integrar diversas disciplinas e áreas do conhecimento ao processo de planejamento educacional, a fim de evitar superposições e repetições desnecessárias de conteúdo.

“Agentetinhatambémohábitode fazerplanejamentodiário,acabou a colocação em comum, a noite a gente reuniaos“puruwei”eagente discutia, eu tenho que falar sobre isso aqui, ah é o meu também, e a gente já fazia o encaixe da interdisciplinaridadequetambém foi fundamental.”

(Professor P11, 2022)

Puruwei significa professor

Assim, a prática interdisciplinar exige um distanciamento crítico da própria especialidade do professor, que deve incorporar as bases de conhecimento essenciais para se comunicar com os seus pares e disciplinas com as quais pretende colaborar. Além disso, as aulas são ministradas de forma coletiva, assim, deixe espaço para falas dos alunos e seus colegas de trabalho durante a realização da aula.

Costumes da comunidade indígena Sateré-Mawé

Os indígenas valorizam a conexão com a natureza, bem como o respeito pela sabedoria dos povos indígenas e seus anciãos. O Sateré-Mawé é a etnia indígena que descobriu o guaraná, desenvolveu os métodos fundamentais

do cultivo e estabeleceu uma longa compreensão dos benefícios e propriedades medicinais da semente, além das formas adequadas de usar e armazená-las.

Dessa forma, o consumo do guaraná tem uma analogia ancestral com a personificação da planta para o Sateré-Mawé. Essa forte relação entre a bebida do “sapó” feito pelo fruto do guaraná está presente nas reuniões, fazendo parte dos momentos de interação das aulas também. O pão do guaraná (como a etnia intitula o guaraná em bastão) é ralado em uma pedra dentro de uma cuia por uma mulher.



Fonte: Registrada pela autora (2021).

A sala de aula na EJA/PROEJA Indígena

O ambiente escolar muitas vezes está diretamente relacionado ao ambiente físico da sala de aula na percepção mais comum: carteiras enfileiradas e o professor em frente ao quadro. Entretanto, no contexto do PROEJA Indígena, a sala de aula do tempo escola pode acontecer em diversos espaços não formais.

A maloca representa um desses espaços rústicos. Os indígenas construíram coletivamente esse espaço chamado de “maloca”, a qual possui uma estrutura circular de chão batido e postes que são vigas de sustentação do telhado coberto de palha.

“Lá na comunidade onde aconteceu as aulas a gente inicialmente começou as aulas no barracão da comunidade, que depois foi reformada, a gente precisava adaptar a sala de aula, hora em uma sala de aula como se fosse um pequeno barracão de palha, mas aberto ora na maloca que foi feita inicialmente para dormitório dos alunos e dos professores, que é aquela onde foi feita a alternância, lá dentro era muito fechado, apesar do conforto térmico, mas ali não é o melhor local, tem uma pilastra no meio, uma coluna que atrapalhava, enfim não era o melhor local pra aula, mas foi adaptado, e é o que está acontecendo até hoje, talvez apoio para a construção de uma sala seria importante ou de reforma do próprio barracão”.

(Professor P3, 2022)



Fonte: Registrada pela autora (2021).

Outros ambientes também servem quanto espaços educativos não formais como sala de aula. Essas integrações com os vários ambientes de atividades interativas são realizadas acompanhando por participação até mesmo das famílias da comunidade.

Os espaços de ensino não formais são muito importantes em razão de facilitarem o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem. Ademais, permitem testar e desenvolver outros tipos de experiências.

Fonte: Registrada pela autora (2021).





Fonte: Registrada pela autora (2021).

Características da turma EJA/ Proeja indígena

Segundo Brelaz e Michelotti (2021), os alunos que frequentam as aulas são indivíduos pertencentes à etnia Sateré-Mawé, com idades entre 18 e 56 anos, sendo classificados como jovens e adultos. Muitos dos alunos são agricultores e também falam a língua materna. É importante ressaltar que alguns são extremamente participativos, buscando interagir e responder às questões apresentadas durante as aulas, outros preferem utilizar a língua materna para se expressarem.

Nesse último caso, recomenda-se a solicitação de um colega ou professor tradutor para realizar a tradução. Durante a experiência, foi possível contar com a presença de um professor indígena que atuou como tradutor,

contribuindo para a integração dos conhecimentos científicos e ancestrais.

“O desconhecido pode te trazer surpresas e essa foi uma surpresa muito maravilhosa, tanto que eu não fazia ideia o que ia encontrar, e encontrei principalmente na turma o desejo de conhecer, então diferente de outro público que eu já conheço, que eu lido, à vontade de aprender ali é muito maior, a necessidade de aprender é muito maior e talvez tenha facilitado nosso trabalho, o perfil da turma é ótimo, então a distância pela falta de tecnologia, pela falta de materiais didáticos para ser trabalhado, pelo modelo que era novo, pelas nossas dificuldades, é eu acredito que agente conseguiu tirar leite de pedra, ali muito mais pela vontade deles mesmo de tentar conhecer o novo, de buscar, tanto é que foi a comunidade de buscou o curso também, mas foi isso a experiência a prática de fato”. (Professor P5, 2022)

Os espaços de ensino não formais são muito importantes em razão de facilitarem o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem. Ademais, permitem testar e desenvolver outros tipos de experiências.

Nesse contexto, as percepções e expectativas em relação aos estudantes do PROEJA Indígena são fundamentadas na experiência de vida e nas relações que são estabelecidas em seu ambiente, consideradas como referência para o ensino e a aprendizagem. Como resultado, um sentimento de pertencimento é incutido, permitindo que o aluno reconheça seu próprio potencial como agente transformador.



Fonte: Registrada pela autora (2021).

PROFESSOR(A),

Você deve concordar que o planejamento é uma parte fundamental da rotina do professor, mas quando se trata do planejamento educacional para a modalidade EJA/PROEJA Indígena na Pedagogia da Alternância, é comum sentirmos insegurança. Nesta unidade pretendemos apresentar o processo de preparação da aula com o objetivo de usar recursos pedagógicos para a sala de aula no contexto do EJA/PROEJA. As informações sugestivas desse processo são inspiradas na experiência dos professores do IFAM Maués com a etnia Sateré-Mawé.

Na unidade intitulada Preparando as aulas, é possível encontrar os seguintes tópicos:

- A realização da aula na Pedagogia da Alternância para jovens e adultos indígenas;
- Relatório de alternância;

- Mística da aula;
- Organização das tarefas para a alternância do tempo escola;
- Plano de Estudo/Colocação em Comum;

O trabalho pedagógico é o foco central desta Unidade. Busque refletir não apenas nas metas que você como professor precisa alcançar, mas também os principais aspectos a serem considerados em sua organização pedagógica. Bem como compreender a importância do papel dos colegas como articuladores do trabalho da equipe educacional, buscando soluções adequadas ao contexto da educação escolar de forma coletiva.

Após sua reflexão, envie aqui sua resposta:

<https://forms.gle/ZNnGivhNW9kRi9a76>



UNIDADE

04

PREPARANDO AS AULAS

A elaboração da aula, como todo e qualquer momento que propicie a aprendizagem, representa uma ferramenta de grande importância para os estudantes a usufruírem em sua plenitude. Em vista disso, mantém uma relação efetiva com os conteúdos científicos e saberes vivenciados com vistas a assimilação dos objetivos de ensino delineados pelo educador e educando.

Para isso, orientamos que os professores façam um cronograma que representará a disposição do tempo alocado a cada tarefa ou atividade. Tal perspectiva demanda que as atividades sejam executadas dentro do escopo da semana de alternância, contemplando cada professor ministrante.

Orienta-se que o planejamento seja feito de forma coletiva, ou seja, os professores que farão parte da alternância busquem organizar as aulas de forma interdisciplinar e colaborativa com os seus pares.

LEMBRE-SE

Os modelos apresentados podem ajudar na abordagem do ensino aprendizagem para jovens e adultos no EJA/PROEJA Indígena, porém é apenas uma sugestão de atividades que pode ser adaptada de acordo com a necessidade de cada turma.

Fonte: Registrada pela autora (2021).

A realização da aula na Pedagogia da Alternância para jovens e adultos indígenas

Sugerimos que seja elaborado um cronograma de alternância para os cinco dias de aula no tempo escola, uma organização do tempo, podendo ser atualizado de acordo com as demandas que surgirem.



O template de cronograma pode ser acessado **AQUI**.

As informações contidas no *Template Cronograma de Alternância* são informações meramente ilustrativas para nortear os professores que poderá adequar a sua realidade.

Relatório de alternância

Professor, o seu relatório serve como aporte para a próxima equipe de professores que comparecerem na alternância seguinte. O objetivo principal do relatório é fornecer um resumo das atividades realizadas, incluindo colocação em comum, plano de estudos, visitas e atividades profissionais específicas.

Faça suas anotações para o relatório de alternância

Professor, orienta-se fazer lista de frequência e ficha de avaliações individuais, ou seja, o acompanhamento dos estudantes.



Acesse o link e veja o *Template* orientador para elaborar seu relatório de alternância **AQUI**.

Início das atividades da Alternância tempo escola

Apresentação dos professores, disciplinas e Tema Gerador a ser trabalhado.

Mística da aula

Nesta experiência a mística é o momento de acolhida e acontece em espaços comunitários, nesse caso na maloca. Alguns elementos culturais locais são usados para simbolizar a etnia, como músicas cantadas em língua materna e o uso da bebida “sapó”.

Esses componentes utilizados na mística sustentam argumentos e servem como símbolo de luta e participação política da etnia, de modo

a elencar o poder de pertencimento cultural.

“A mística não somente ajuda a transformar os ambientes e cenários sociais; acima de tudo, impulsiona e provoca mudanças por fora e por dentro dos sujeitos”
(Caldart, 2012, p.12).

Portanto, a mística é o momento de interação da cultura simbolizada em música e falas. Nesse sentido, busca aproximar os momentos de aula em troca de saberes e criar memória cultural que passa dos mais velhos aos jovens.

Em seguida a organização das tarefas para a alternância do tempo escola

Os alunos fazem a divisão das tarefas, direcionando quem vai ser o cronometrista, quais alunos farão a limpeza de banheiros, sala de aula, dormitório e refeitório. Entre os alunos, se organizam e dividem das tarefas durante o tempo escola.



Setor	Nome	Função	Observações
Setor 1	João	Assistente	
Setor 2	Maria	Assistente	
Setor 3	Carlos	Assistente	
Setor 4	Ana	Assistente	
Setor 5	Pedro	Assistente	
Setor 6	Lucas	Assistente	
Setor 7	Juliana	Assistente	
Setor 8	Roberto	Assistente	
Setor 9	Patrícia	Assistente	
Setor 10	Diego	Assistente	

Fonte: Registrada pela autora (2021).

Inicialmente, o professor solicita a distribuição das atividades para os alunos. Por sua vez, a turma se organiza na divisão dos afazeres.

Colocação em comum da alternância anterior

A colocação em comum e o plano de estudo são partes integrantes da aula. Acompanhe abaixo o relato de um professor sobre a colocação em comum:

“Só que na hora da colocação em comum, era aquele momento que eu parava e ficava aqui totalmente antenado no que ele estava falando, refletindo em todo o conteúdo da ementa, aí eu opa, isso aqui dá para mim falar, aí anotava, isso aqui eu consigo, isso aqui beleza, às vezes geram uma discussão, aí já fazia uma intervenção, ele falou isso e assim, já dava uma puxada e depois fazia a conexão com a aula”.

(Professor P11, 2022)



PLANO DE ESTUDO/ COLOCAÇÃO EM COMUM

PLANO DE ESTUDO:

Os alunos desenvolvem um roteiro de pesquisa, perguntas referentes ao tema gerador da alternância a ser estudada no próximo tempo escola.

PLANO DE ESTUDO:

A pesquisa realizada com a família e a comunidade. Constitui a lista das atividades produzidas no tempo comunidade.

COLOCAÇÃO EM COMUM:

Uma apresentação que ocorre no primeiro dia de atividades relacionadas à escola inclui as conclusões do plano de estudos que a família e a comunidade do aluno ajudaram a implementar.

COLOCAÇÃO EM COMUM:

Permitir que os alunos participem do momento de compartilhamento e, ao mesmo tempo, dar-lhes a oportunidade de entender o tema que será desenvolvido durante a alternância.



Veja aqui o que fala o professor sobre o Plano de estudo:

“O plano de estudo a gente tira ele no final da alternância e ele sempre inicia uma alternância seguinte, a gente tem o tema gerador que ele dá o tema, dá o direcionamento para todas as discussões que vão acontecer, a gente usa o caderno de alternância, mas principalmente é o plano de estudo que orienta praticamente toda a alternância porque é a partir dele que a gente faz o nosso planejamento das atividades a longo do tempo escola”.

(Professora P1, 2022)

O plano de estudo é um conjunto de questões que os alunos desenvolvem sobre o tema gerador que irão estudar na alternância seguinte. A colocação em comum é na alternância seguinte, onde o aluno traz esse plano de estudo e compartilha com a classe o que pesquisou com sua família e comunidade.

Além de ser um aluno que pesquisa sua cultura, ele também é um pesquisador do conhecimento, o qual existe em sua comunidade. A exemplo de um plano de estudos, cita-se o intitulado Diagnóstico Rural Indígena Participativo.

Ao solicitar o uso do caderno de alternância, o professor propõe a atividade do tempo comunidade que será a colocação em comum da próxima alternância do tempo comunidade. Observação: O professor precisa ter

conhecimento da disciplina sucessora.

Abaixo um exemplo de atividade para o tempo comunidade.

Carderno de Alternância/ Tempo Comunidade

Foi elaborado um Roteiro de Aprendizagem para aplicação do “Diagnóstico Rural Indígena Participativo” visando organizar os produtores para oferta de merenda escolar indígena no ano de 2020. Vale destacar que todas as perguntas são elaboradas pela turma, o professor neste momento serve como um mediador. (Informações obtidas durante a pesquisa de campo e entrevista com professores colaboradores da pesquisa). Veja as perguntas do Plano de Estudos.

PLANO DE ESTUDO: ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA PRODUÇÃO E A MEDICINA TRADICIONAL (exemplo de perguntas)

1. Qual a importância das medicinas tradicionais para o povo Sateré mawé?

2. Quais os tipos de medicamentos tradicionais você conhece como antibiótico?

3. De que forma as práticas e conhecimentos da medicina tradicional podem ajudar na qualidade da minha vida diária?

4. Como podemos preservar, organizar e valorizar a produção de semente mudas tradicionais?

5. Como você produz alimentos tradicionais? Para onde vai essa produção?

6. Por que o povo Sateré-mawé está desvalorizando os remédios tradicionais e os alimentos do povo?

7. De que forma se dá a organização da gestão da produção no território?

8. Quais os medicamentos tradicionais que você conhece para curar doenças?

9. De que maneira está organizada a gestão da produção?

10. Qual a diferença do medicamento tradicional para o de farmácia?

11. Quais são as práticas e conhecimentos que podem melhorar a produção?

12. Como podemos manter a autonomia de nosso povo a partir da gestão dos recursos?

13. Por que é importante valorizar e resgatar a medicina e as práticas tradicionais locais?

Fonte: (Saraiva, 2022, p.123)



Para conhecer as aplicações de roteiros de aprendizagem acesse ao link **AQUI**.

Sobre o caderno de alternância, acompanhe a fala do professor:

“O caderno de alternância que é bem legal também agente propõe ali uma atividade de acordo com que a gente trabalhou então dá para a gente trabalhar um monte de materiais a gente pode pensar, ah a gente vai para terra indígena não tem tanto material impresso sei lá o quê que agente consegue achar

muitas referências pegar muita coisa de todos os lados assim para tentar deixar para eles ali, então eu acho um ponto positivo uma questão bem legal da gente poder também desenvolver projetos de pesquisatantodeextensãocomode pesquisa dentro da comunidade”.
(Professor P2, 2022)

De acordo com o PPC do curso de Agroecologia IFAM (2018), o Caderno de Alternância é um instrumento utilizado para o registro de reflexões e experiências relacionadas a acontecimentos e práticas que integram e influenciam o processo formativo dos estudantes.. Esse instrumento, pertinente à Pedagogia da Alternância adotada pelas escolas que trabalham a Educação do Campo, é utilizado como meio de produção

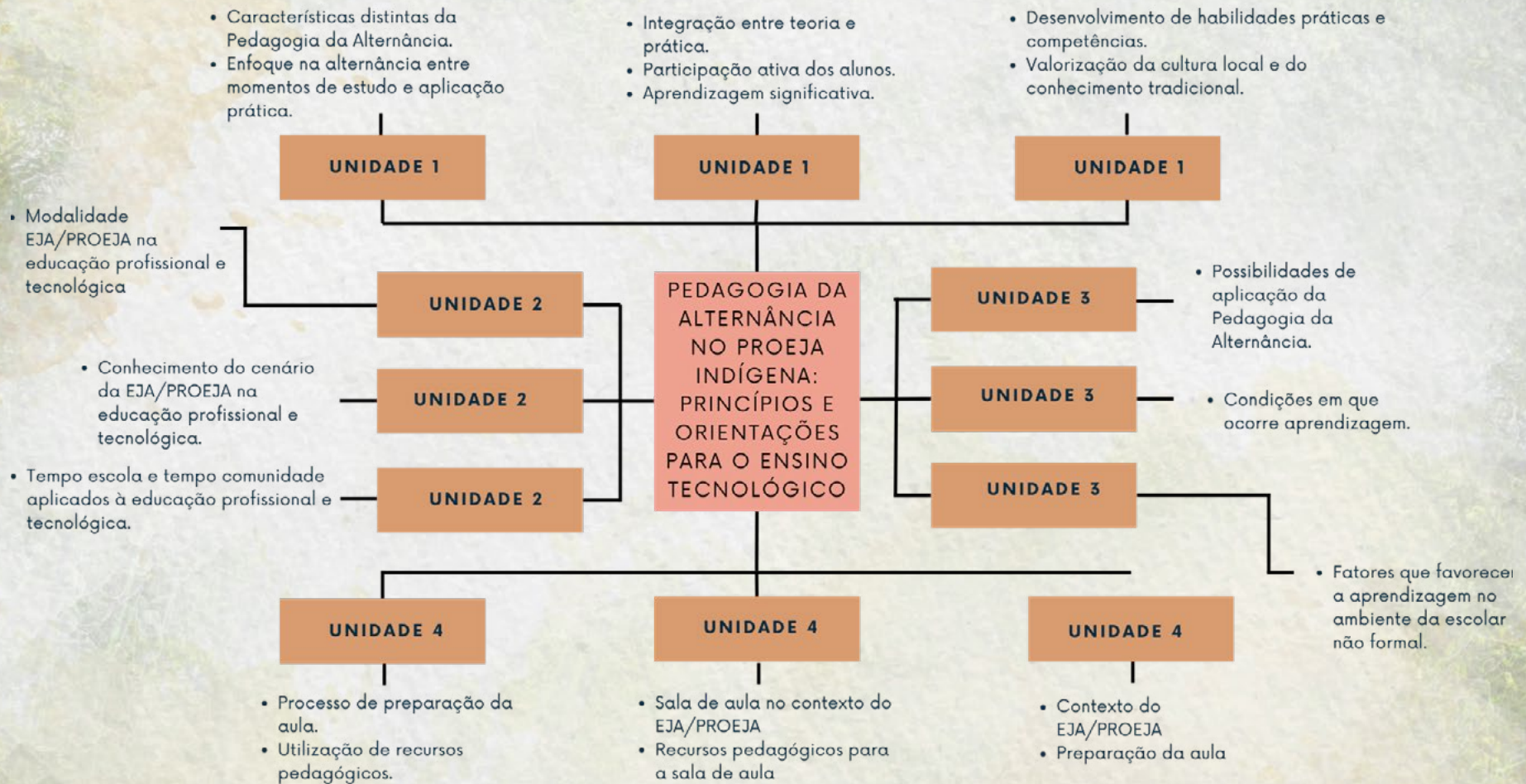
de conhecimento pelo aluno e, ao mesmo tempo, serve como um importante instrumento de avaliação para o professor, pois a partir dele é possível acompanhar o processo de aprendizagem do aluno.

Ainda, o Caderno de Alternância é adotado como ponto de partida para outras aprendizagens, representando um importante recurso para o conjunto de professores envolvidos no processo educativo.



Para conhecer o caderno de alternância, acesso ao link **AQUI**.

REFLEXÕES E APRENDIZADOS SOBRE AS UNIDADES: UM CONVITE AO COMPARTILHAMENTO



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Este produto educacional tem como objetivo fornecer suporte ao professor por meio de um material didático que funcione como um apoio ao seu trabalho. Inspirado na experiência dos professores do IFAM Maués, destacamos a possibilidade de adaptação de certos aspectos pedagógicos fundamentais para a aplicação em escolas para jovens e adultos indígenas no contexto da educação profissional e tecnológica.

Ao abordar questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem, o produto oferece leituras e atividades que buscam proporcionar novas perspectivas para a reflexão sobre a aplicação pedagógica na escola, além de ajudar os professores a superar desafios enfrentados em sua realidade específica.

Os temas abordados nas Unidades visam proporcionar conhecimento

sobre as principais fundamentações que tratam da relação entre a Pedagogia da Alternância e a Educação Escolar Indígena no contexto Profissional e Tecnológico. Além disso, foram apresentados princípios orientativos e exploradas as possibilidades de aplicação no cenário, permitindo uma compreensão dos aspectos que contribuem para a prática profissional durante o processo vivenciado nesta experiência.

Foi desenvolvida uma ilustração, mapa mental que retrata os aspectos gerais observados durante o processo vivenciado no Guia, enfatizando a importância de refletir sobre o aprendizado adquirido durante o processo formativo proporcionado por este produto educacional.

Ao longo da leitura deste material, exploramos quatro unidades distintas, cada uma com seus objetivos

específicos. Agora, gostaríamos que você compartilhasse como esses objetivos foram alcançados por meio da leitura do Guia.

Solicitamos, gentilmente, que você responda à atividade relacionada às unidades que você leu, compartilhando suas reflexões e aprendizados.

Solicitamos, gentilmente, que você responda à atividade relacionada às unidades que leu, compartilhando suas reflexões e aprendizados. Clique no Link ou acesse o QR code e responda.

<https://forms.gle/wjFHx3pqepXA2nXS6>



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este guia apresentou os principais aspectos da experiência pedagógica do curso técnico em Agroecologia EJA/PROEJA Indígena com a Pedagogia da Alternância. Nesse sentido, considerou-se o esforço institucional do IFAM campus Maués para atender essa demanda da educação escolar indígena, que foi um desafio para o corpo docente.

O trabalho educacional diante de uma realidade fora do contexto formal de sala de aula não é fácil. Ainda mais quando se trata de uma metodologia nova para alguns professores, mas libertadora para outros conforme relatado.

Em vista disso, o compromisso principal do fazer pedagógico no contexto da educação escolar indígena partiu da demanda do povo Sateré-Mawé, do

esforço e da dedicação institucional de profissionais engajados mesmo precisando percorrer um longo processo para conhecer os anseios daquele povo. Assim, ressalta-se o desenvolvimento de uma estratégia metodológica ou adaptação de metodologias para o contexto da região, respeitando a cultura, a língua e o cenário existente, cujo estudante aprenda a resolver problemas reais que colaborarem com sua comunidade e partam do conhecimento técnico-científico sem desprezar os saberes ancestrais.

A produção deste material pretende auxiliar o professor com algumas orientações para se trabalhar com a Pedagogia da Alternância no contexto da Educação Escolar Indígena, tomando como modelo de aplicação a experiência do campus Maués com o curso de agroecologia. Desse modo,

compartilhou-se a prática docente com o EJA/PROEJA Indígena, acentuando-se possibilidades de aplicação da Pedagogia da Alternância e admitindo-se que as estratégias e ferramentas utilizadas não são estáticas, não obstante, adequadas a cada contexto e realidade.

Nesse horizonte, espera-se que essa produção subsidie os educadores em suas práticas, os quais devem reconhecer um leque de possibilidades para atender as necessidades locais dos estudantes de comunidades indígenas. A aplicação de recursos pedagógicos colabora para a educação em espaços não formais, cujas informações aqui publicadas partem do compartilhamento de uma educação inclusiva para todos, principalmente no que diz respeito aos povos originários.

CONTE PARA A GENTE!

Gostaríamos de solicitar que, gentilmente, compartilhasse conosco sua valiosa experiência com a Pedagogia da Alternância no contexto da educação de jovens e adultos e na educação escolar indígena. Sua contribuição tem o poder de inspirar e motivar outros professores, ampliando, assim, o alcance e impacto dessa abordagem pedagógica. Agradecemos antecipadamente por compartilhar seus conhecimentos e práticas.

E-mail: guiaproejaindigena@gmail.com

Atenciosamente, Autores.

O produto foi construído a partir de observações coletadas no decorrer da pesquisa de campo com professores do Instituto Federal do Amazonas campus Maués, que atuaram no território indígena Andirá Marau. Os principais instrumentos de coleta de dados foram um caderno de campo, registros fotográficos e entrevistas. Agradecemos aos participantes da pesquisa pela colaboração e parabenizamos pelo excelente trabalho realizado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 05, de 22 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 2012.

BRASIL. **Proposta de Regulamentação da Pedagogia da Alternância**, de 08 de junho de 2020. Texto Referência - Pedagogia da Alternância - MEC. Brasília, DF, 2020.

BRELAZ, Anndson e MICHELOTTI, Melissa. Fazer a EJA EPT em Terras Indígenas: O fazer no Campus Maués. ENCONTRO NACIONAL DE EJA EPT, 4., 2021, Maués. **Mesa Redonda** [...]. Maués: IFAM, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/NNe1J0GgJlo>>. Acesso em: 30 abr. 2022

CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**, Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

IFAM, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas. **Projeto Pedagógico de Curso Técnico em Agroecologia de Nível Médio na Forma Integrada, Modalidade EJA/PROEJA Indígena/ Sateré-Mawé, Baixo Marau**. Maués, 2018. Disponível em: < <http://www2.ifam.edu.br/pro-reitorias/ensino/proen/guia-de-cursos/ppc> >. Acesso em: 30 jun. 2022.

MEDEIROS, Paulo Adelino de et al. Identificação de temas geradores para construção participativa do Curso Técnico em Agroecologia na terra indígena Andirá-Marau, Amazonas, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, Brasília, v. 13, n. 1, p 767, 2018

MELO, André de Oliveira. **Pedagogia da Alternância no Amazonas: uma práxis dos movimentos sociais da floresta e das Águas**. 206 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

OLIVEIRA, Anndson Brelaz. História e percepção ambiental de comunidades Sateré-Mawé. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Instituto de Agronomia, Seropédica - RJ 2016.

SARAIVA, Darlane Cristina Maciel. **Etnomatemática na Educação Escolar Indígena: a mobilização entre saberes ancestrais e saberes acadêmicos para o ensino da Matemática na Educação Profissional Tecnológica para a etnia Satere Mawe**. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso, Manaus - AM, 2022. Disponível em: <https://reamec.uea.edu.br/index.php/elementor-1072/> Acesso em: 30 ago. 2023.

